

NÃO SABEMOS CONTRA QUEM LUTAMOS

Manica

N. 25/10/83

— bandidos armados capturados pelas FAM

Texto de Narciso Castanheira e fotos de Francisco Monia

Uns mais abertos, outros mais receosos e ainda os que nada querem dizer de concreto, a maior parte dos bandidos armados capturados pelas FAM (FPLM), com quem conversámos há dias em Chimoio, acabam por afirmar que não sabem ainda porque é que combatiam e contra quem. Recebiam ordens de chefes, de que nem sequer conhecem os nomes. A arma que recebiam era para eles tudo. Só que essa arma nas suas mãos aponta contra o Povo e serve para assassinar civis e espoliar os seus bens.

Aizec Madota Mutlanga, que disse ter sido chefe de grupo nos bandidos armados, tem 39 anos de idade, foi trabalhador nas minas da África do



«Atacávamos aldeias para roubar comida à população». Aizec Mutlanga

Sul, é menos arrogante do que os restantes e conta-nos uma passagem das várias operações que efectuou na Província de Manica:

— Recebi a tarefa de ir procurar comida junto às populações de uma aldeia. Comandava um grande grupo, todo armado. Assaltámos a aldeia e roubámos comida. Não sei quantas pessoas morreram. Eram todas civis. Quando regressávamos ao acampamento onde eu vivia, fomos localizados por um grupo da FPLM e muitos de nós caíram mortos. Pedimos reforço que não chegou a aparecer e dispersámo-nos.

Disse ainda que mais tarde conseguiu fugir do acampamento e atravessou a fronteira para o Zimbabwe, juntamente com a família que, entretanto, foi buscar em Espungabera, onde vivia antes de se juntar aos bandidos. No Zimbabwe, um outro elemento dos bandos armados que também se fartara de matar e se refugiou naquele país, denunciou-o quando foi detectado pelas forças de segurança zimbabueanas.

Um miúdo de cerca de 16 anos de idade, de nome José António Faria, natural de Sena (Sofala) e que diz não ter andado na escola, também contou a sua história. De todos quantos entrevistámos, este é o que se expressa melhor em português:

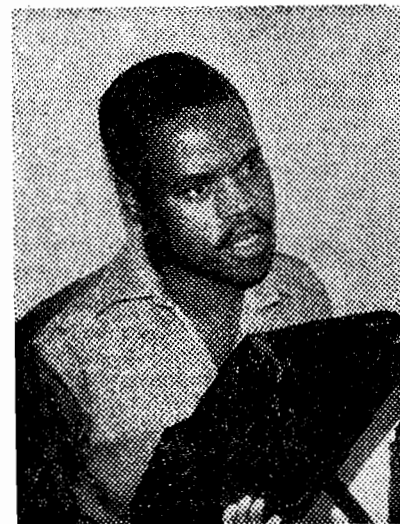
— Eu era uma espécie de sentinela para os chefes. Fui treinado e deram-me uma arma «AKM». Cheguei a ver um dia o tal Afonso Diakama, que dizia ser o nosso chefe. Ele enganara-nos dizendo que estávamos a lutar para a independência de Moçambique. Na altura, eu estava na base de Sitatonga e quando apareceu o grupo «Limpeza», das FPLM, a nossa fuga foi desorganizada. Cada um fugiu para o seu lado e andávamos por aí no mato, sem destino e para comermos, tínhamos de assaltar a população. Enquanto estávamos na base, a comida não nos faltava porque vinham sempre helicópteros trazer carne em lata e outros viveres, na mesma altura que traziam armamento e munições. Quem pilotava os aparelhos eram boers.

UM ESPÃO CAUTELOSO

Charles Maucharara, tem declarações que se contradizem a todo o momento e a cada pausa, era espião. A sua trajectória é bastante complicada. Diz que, em 1971, foi para a então cidade de Salisbúria, para se

juntar a um seu irmão que lá vivia. Trabalhou como empregado doméstico e, mais tarde, o filho de um farrameiro chamado Mabiza, como ele afirmou, convidou-o a dar uma volta e ao longo da mesma foram interceptados (isto teria acontecido recentemente, de acordo com a sua versão), por soldados daquele país. Fugiram, segundo ele, porque não se sentiram seguros.

Como dissemos, as suas informações são contraditórias. Mas a sua «cautela» não deixou escapar que pertencera aos serviços secretos rodesianos, no regime de Ian Smith. E que continuava a pertencer à mesma rede, mesmo após a independência daquele país, prestando serviço nos bandidos armados que actuam no Zimbabwe junto à fronteira com Moçambique. Recebeu a missão de reconhecer os dispositivos militares das FAM (FPLM) na zona da serra Choa, na Província de Manica. Entretanto, logo que atravessou a fronteira, foi interceptado por um grupo de bandidos armados que o não conhecia que o conduziu a um acampamento



Charles Maucharara, o espião «cauteloso»

onde teria sido interrogado. Ficou alguns dias amarrado mas, dias mais tarde, foi solto e foi-lhe confiada a missão de reconhecer o mesmo que já lhe tinha sido ordenado pelos bandidos do outro lado da fronteira. É no cumprimento dessa ordem que as FAM o capturam perto de um quartel. Tinha-se disfarçado com ligaduras procurando fazer-se passar por um ferido que ia ao posto médico receber tratamento.



Motorizadas roubadas pelos bandidos à população e que as FPLM, recuperaram